

A RELAÇÃO ANALÍTICA

Marina Gregório Menita

“Tudo no mundo começou com um sim [...] Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?” Com esse trecho Lispector (1998, p.11) inicia sua célebre obra “A hora da estrela”. O narrador tenta explicar o quanto é difícil iniciar *uma história*. Este trabalho tem como objetivo elucidar uma questão bastante importante que encontramos na prática do analista ou psicoterapeuta psicanalítico que diz respeito à relação analítica e a *história* do par analítico.

A relação analítica é entendida sobre diferentes vértices de acordo com cada forma de exercer a Psicanálise. A ideia de relação analítica em que este trabalho se orienta baseia-se no modelo bioniano, no qual há o encontro de duas mentes: a do analista e analisando que formam o par analítico.

A situação analítica, aponta o casal Baranger (2010), deve ser entendida como uma situação na qual duas pessoas estão indefectivelmente ligadas e complementares enquanto a situação durar e envolvidas num processo dinâmico. Assim, nenhum membro desse par pode ser entendido sem o outro.

Este modelo de atuação difere do modelo de Freud pautado no tornar consciente o inconsciente (repressão) ou sobre o modelo kleiniano referente à cisão, uma vez que Bion se preocupa mais com o aparelho mental necessário para poder pensar as emoções (contínua) do que os conteúdos do pensamento propriamente dito (conteúdo).

Segundo Ferro (1995, p. 27) “não encontramos em Bion a idéia de algo a descobrir ou interpretar, mas de algo que deve ser construído na relação por meio daquele “uníssimo” que permite uma expansão da mente e da possibilidade de pensar”. Assim, o mais importante não é a atividade interpretativa que irá transmitir uma verdade, e sim, a operação de transformação das identificações projetivas do paciente.

Seguindo esse modelo, Ferro (1995) aponta que a continência provém de uma operação afetiva e emocional pautada na relação mãe-bebê na qual a mãe, possuindo a função de rêverie, é capaz de acolher as identificações projetivas da criança independentemente de serem percebidas como sendo boas ou más. Dessa forma, no

campo analítico, a intenção não é estar com o analisando para buscar “verdades objetivas ou históricas, mas estar na mesma tonalidade afetiva, oferecendo-lhe um modelo de relação mental que possa introjetar, e que não passa pela aquisição de dados, mas pela aquisição de “qualidades” (paciência, paixão etc)“ (Ferro et al, 1995, p. 27).

A vida mental do analista é um fator extremamente importante para a análise ou processo psicoterapêutico, pois é a interação entre analista e analisando que determina o desenvolvimento e resultado do processo. Um grande avanço dado por esse modelo teórico consiste na existência do analista como ser humano, dotado de todo o peso atual da sua vida, e a concepção de que as identificações projetivas são uma forma de comunicação de mentes, recíprocas e cruzadas (Ferro, 1995).

Segundo Ferro (1998) será justamente a qualidade negativa de não perseguição, não intrusão, não decodificação, que propiciará a transformação do clima de terror e de pesadelo em clima tranquilo, que possibilita a investigação. A transformação do campo provém do funcionamento mental da dupla, da liberdade do analista e das suas capacidades negativas. Estas correspondem “a capacidade que um homem possui quando é capaz de estar em incertezas, mistérios, dúvidas, sem qualquer tentativa irritável de alcançar fato e razão” (Ferro, 1998, p. 99).

Assim, o que conta não é o que o analista ou o paciente podem fazer sozinhos, mas o que o par pode fazer junto. O analista encontra-se ancorado em um estágio evolutivo da capacidade de pensar e das pré-concepções, e ajuda o paciente a se aproximar deste estágio de forma a conduzir progressivamente a transformação e a saúde mental.

Pretende-se que o paciente possa chegar à simbolização das suas emoções a partir da alfabetização, isto é, transformação dos elementos beta (que são emoções sem nome, terroríficas e impossíveis de serem pensadas) em elementos alfa (emoções sonhadas, narradas e possíveis de serem digeridas).

Ogden (2010) aponta que uma pessoa procura análise devido ao seu sofrimento emocional frente à impossibilidade de “sonhar”, e sendo incapaz de sonhar suas experiências emocionais, não há como mudar, crescer e se tornar diferente do que sempre foi. A situação psicanalítica, segundo esse autor, tem o intuito de gerar

condições para que o analisando se torne mais capaz de sonhar seus sonhos não sonhados e interrompidos (por terrores noturnos e pesadelos metafóricos). “Sonhar-se para vir a existir”. Vale destacar que esse sonhar corresponde a um processo contínuo que ocorre não só no sono (onírico), mas também na vida inconsciente de vigília.

Como tais conteúdos ditos aqui sonhos se transformam com as experiências o analista precisa aprender, sob nova ótica, como ser analista de cada paciente e em cada sessão. Essa reinvenção constante, ressalta Ogden (2010), não pode ser confundida como a invenção de um relação amorosa, de amizade ou experiência religiosa, e sim a invenção de uma relação analítica que tem objetivos psicoterapêuticos próprios, definições de papel, responsabilidades, sistema de valor, etc.

Ou seja, para que tudo isso proposto por Bion, Ferro e Ogden possa ocorrer e ser de fato efetivo é necessário que exista uma série de condições que configuram a situação analítica.

Os Baranger (2010) apontam que a situação analítica é como um campo dinâmico que possui várias dimensões, como a espacial, que diz respeito à disposição dos móveis do consultório, objetos de decoração, distância física entre analista e analisando; e a dimensão temporal, no qual há uma estruturação e modo determinado quanto à duração e frequência das sessões, interrupções de férias, etc. Os autores apontam que toda mudança nesse sentido traz alguma modificação na vivência da dupla.

O campo analítico também se estrutura segundo uma configuração funcional básica contida no compromisso e acordos iniciais. Espera-se que assim seja delimitado o papel de cada um da dupla, o que permite um campo funcional em que ambas as pessoas esperam, uma da outra, condutas bem determinadas e a manutenção do compromisso básico (Baranger, 2010).

Os acontecimentos do campo analítico são experimentados “como se”, ou seja, não diz respeito à realidade objetiva, e sim a realidade subjetiva do analisando que pela transferência pode ser vivenciada com o analista.

“Se o analisando experimentasse o seu analista tal qual ele é (se, por exemplo, se limitasse a considerá-lo seu analista), suprimiria o fenômeno transferencial, o que evidentemente é inconcebível e, com isso, suprimiria qualquer possibilidade de análise”.

(Baranger, 2010, p. 190). Além disso, o tempo da análise é ao mesmo tempo presente, passado e futuro e justamente por não ser cronológico, orientado e determinado, que os acontecimentos podem adquirir um significado novo.

É a partir do respeito para com o contrato estabelecido pelo par que essa relação torna-se única, diferente de qualquer outra relação tanto do analista quanto do analisando. Havendo premissas básicas, o setting pode ser estabelecido e só assim, com a delimitação e respeito a esse, é que a regressão e ataques podem ser observados e pensados.

Segundo o casal Baranger (2010), quando se trata do contrato básico, a existência de um conteúdo latente nem sempre é evidente, apesar de estar sempre presente sobre forma das fantasias a cerca do processo analítico. Contudo, sua manifestação pode ser percebida através das alterações que o analisando impõe ao contrato, como por exemplo, atrasar, faltar, perguntar e tentar intervir ativamente na vida do analista com o objetivo de controlá-lo. Os autores ressaltam que em todas essas situações podemos verificar que o contrato analítico básico, ainda que tenha sido formulado explicitamente, só constitui o aspecto superficial do outro contrato, inconsciente para o analisando e muito diferente do que foi combinado.

Frente a estas exposições teóricas percebemos a complexidade que está em torno da relação analítica. A prática do psicoterapeuta psicanalítico ou analista é construída dia após dia e com cada paciente. Descobre-se, com certa dose de angústia, que não existe um caminho a ser seguido, não existe supervisão ou curso que irá ensinar a ser o que se pretende. A construção é interna, a partir das experiências, sonhos e recursos que se descobre que existem dentro de si mesmo na análise pessoal. Contudo, antes de tudo isso, o sim deve existir: o sim para a disponibilidade interna que essa delicada profissão exige. É neste sim que qualquer “relação analítica” tem início, mesmo antes de começar.

Referências

- Baranger, M. e W. (2010). *A situação analítica como um campo dinâmico*. Livro Anual de Psicanálise, XXIV, 187-214.

Ferro, A. (1995). *A técnica na Psicanálise Infantil: a criança e o analista: da relação ao campo emocional* (Mercia Justum.Trad.) Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1998). *Na sala de Análise: Emoções, relatos e transformações* (Mércia Justum. Trad.) Rio de Janeiro: Imago.

Lispector, C. (1998). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco.

Ogden, T. (2010). Sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. *In: Essa Arte da psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.